



REVELANDO A ESCALADA EM PAREDES ARTIFICIAIS

REVEALING CLIMBING ON ARTIFICIAL WALLS

REVELANDO LA ESCALADA EN PAREDES ARTIFICIALES

Dimitri Wuopereira

Universidade Nove de Julho, São Paulo, São Paulo, Brasil

Email: dimitripereira@uni9.pro.br

RESUMO

O montanhismo sofreu transformações desde seu nascimento nos Alpes. O objetivo que era atingir o topo das montanhas foi se alterando para outras formas, como escalar paredes com agarras artificiais, com as pessoas se motivando também pela dificuldade de ascensão em rotas mais curtas. Este artigo pretende compreender a cultura da escalada em paredes construídas pelo ser humano e os sentidos que dão à escalada, através de pesquisa etnográfica em um ginásio de São Paulo. O local escolhido para a pesquisa oferece um ambiente que recria a escalada em rocha em suas características físicas de verticalidade e de desafio corporal, mas proporciona também um espaço para a sociabilidade e afetividade. Conclui-se que a escalada em muros artificiais conjuga benefícios físicos e saúde com prazer e diversão, libertando instintos, reorganizando movimentos e recriando humanidades.

Palavras-chave: Cultura; Esporte; Urbano; Montanhismo.

ABSTRACT

The mountaineering has been changed from its births in the Alps. The goals were to reach the top has been changing for other ways, like climbing walls with artificial holds that people also motivating for difficulty of ascending on short routes. This article aims to understand the rise of culture of walls made by the human being and the meaning that they give to sport climbing between the ethnographic research in a gym from São Paulo. The place chosen for the research offers an environment that recreates the rock climbing in its physical characteristics of vertically and body challenge, but also provides a space to sociability and affectivity. It is concluded that artificial climbing walls combines physical e health benefits with pleasure and fun, liberating instincts, reorganizing movements and recreating humanities.

Keywords: Culture; Sports; Urban; Mountaineering.

RESUMEN

La montaña se ha transformado desde su nacimiento en los Alpes. El objetivo era llegar a la cima de la montaña ha ido cambiando de otras maneras, escalar paredes com puntos de apoyo artificiales, con la gente motivada también por la dificultad de ascender en las rutas más cortas. Este artículo tiene como objetivo comprender la elevación de la cultura en los muros construidos por el ser humano y los sentidos que dan a la escalada, a través de la investigación etnográfica en un rocódromo de São Paulo. El lugar elegido para la investigación ofrece un ambiente que recrea la escalada en roca en sus características físicas de la verticalidad y el desafío personal, sino también ofrece un espacio para la sociabilidad y afectividad. Se concluye que las paredes artificiales de escalada combina los beneficios físicos y de salud con el placer y la diversión, como una cueva para liberar los instintos y volver a crear las humanidades.

Palabras clave: Cultura; Deporte; Urbanidad; Montañismo.



INTRODUÇÃO

Escalar é um ato motor de subir em algo (banco, corda, muro, escada, rocha, montanha etc.) e que acompanha o ser humano desde o momento que começa a se deslocar. Mas esta ação pode ser interpretada como uma prática de pura fruição do indivíduo em uma paisagem do relevo, uma escarpa, por exemplo, ou então a ascensão da mais alta montanha do planeta, com toda a tecnologia possível para provar ao mundo a força do humano sobre a natureza e dos seres humanos sobre os outros seres que ficaram abaixo de si. Assim foi se construindo o universo da cultura da escalada no mundo. Do século XVIII ao XX, a escalada em montanhas diversificou-se e, o interesse pelo desafio natural chegou às paredes artificiais construídas para representar a natureza, nas quais o objetivo não é atingir o topo das montanhas, mas construir uma identidade esportiva no sentido de diversão e/ou do desempenho relacionado à verticalidade (PEREIRA, 2010).

Garcez (2014) entende que a expressão lazer sério seria adequada, devido ao comprometimento que o escalador tem com sua atividade, que se constitui em uma prática de participação voluntária e hedonista, mas que não perde o caráter de busca de objetivos intrínsecos, que exigem esforço e determinação em ambientes com riscos potenciais à integridade.

A escalada contém a ambiguidade de apresentar-se como atividade regrada e institucionalizada, e vai aparecer pela primeira vez como modalidade de apresentação nos Jogos Olímpicos em 2020, todavia, ela apresenta traços de rompimento com as estruturas sociais ordenadoras e deterministas do esporte competitivo, com uma tessitura simbólica de desapego a vitória e de comunhão com o outro e o ambiente (FERNÁNDEZ; SÁNCHEZ, 2014).

Todavia o crescimento da escalada como cultura de movimento é evidente pelo aparecimento de diversos ginásios e muros de escalada espalhados pelo país nos últimos anos, tanto quanto pelo número crescente de pessoas desafiando-se nas montanhas que são palco das explorações e diversões destas pessoas.

A prática da escalada em pequenas falésias rochosas surgiu, provavelmente,

por causa da necessidade de os alpinistas manterem-se fisicamente condicionados durante toda a temporada. Com o decorrer dos anos, essa modalidade ganhou adeptos exclusivos, fato que levou à construção de ginásios que permitiam a realização desse segmento do alpinismo independentemente das condições climáticas (BERTUZZI; FRANCHINI; KISS, 2004, p. 99).

Desde então, popularizou-se a prática, sendo possível observar homens, mulheres e crianças escalando em quase todos os Estados brasileiros. Mesmo assim, quando se fala da expansão desta atividade não se pode esquecer que as camadas sociais menos favorecidas não têm acesso fácil, pelo alto custo dos equipamentos, pelas viagens aos locais com rochas e cursos de aprendizagem, fato que o aparecimento das paredes artificiais minimizou.

A cronologia e os acontecimentos dos últimos vinte anos no Brasil demonstram que a escalada tem uma tendência de desenvolvimento e massificação, mas que é necessário olhar com cuidado os fatos e a formação desta cultura no país. A seleção do fato histórico leva em conta o ponto de vista do historiador e deixa alguns espaços vazios (LÉVI-STRAUSS, 1989), provocando o interesse em adentrar no campo da construção cultural em que os fatos ocorrem, para compreender melhor as lógicas internas dos indivíduos que produzem a cultura.

Portanto, entende-se que o fato histórico do surgimento da escalada, pode ser um ponto de partida para a compreensão desta cultura, mas que a prática em paredes artificiais pelo Brasil não se reduz à cultura de montanha representada por eventos temporais, e sim pela significação que os grupos sociais dão em seu tempo às suas formas singulares de escalar, já que a escalada vai se moldando às características que os grupos sociais dão a ela.

A cultura, para além das características de determinado grupo social, representa o modo de viver dos sujeitos, a forma como estes atribuem significados às suas ações e experiências cotidianas. (OLIVEIRA; DAÓLIO, 2007, p. 240).

Assim, o surgimento da escalada em meio às montanhas da Europa, desembocou na



modernidade em novos objetivos que variam de acordo com interesse dos grupos sociais que a praticam, seja em relação à altura do desafio, ao objetivo, quer competitivo ou lúdico, à forma que se quer subir, com equipamentos de segurança ou não, tudo isso, vai criando e recriando a escalada como cultura corporal, portanto, sendo o homem amarrado a uma teia de significados importa analisa-los e interpreta-los a procura destes significados (GEERTZ, 2008).

Escalar continua tendo uma valorização da valentia, superação e coragem dos praticantes, mas também contém traços de novas subjetividades.

Uma análise histórica da modalidade permite-nos perceber que a utilização de técnicas de escalada surgiu com um intuito prático e exploratório. No entanto, da exploração dos limites da natureza, a utilização das técnicas de escalada evoluiu para a exploração dos limites do homem (CUNHA, 2005, p. 1).

Mas, o que há de heroico em escalar segurando agarras de resina plástica em paredes de madeira, com colchões de proteção embaixo? Quais as dificuldades de se encarar um desafio que pode apenas provocar a desilusão de não atingir o final de um muro, que poderia se subir com uma escada? A escalada em paredes artificiais tem algo a ver com o montanhismo? Essas e outras perguntas serão discutidas nesta pesquisa, em que se pretendeu compreender a cultura da escalada em paredes construídas pelos ser humano e os sentidos que os frequentadores de uma academia de São Paulo dão à escalada.

MÉTODO

A pesquisa etnográfica foi escolhida porque ela permite mergulhar numa determinada cultura, buscando uma descrição, que permita interpretar a realidade como ela se apresenta, sem querer a separação do observador sobre o objeto observado e levando em conta a simbologia existente nos comportamentos humanos (DAÓLIO, 1995).

Como afirma Geertz (2008, p. 17):

O ponto global da abordagem semiótica da cultura é, como já disse, auxiliar-nos

a ganhar acesso ao mundo conceptual no qual vivem os nossos sujeitos, de forma a podermos, num sentido um tanto mais amplo, conversar com eles.

Esta pesquisa pretende entrar no ambiente da escalada em paredes artificiais para interpretar o sentido que os sujeitos dão à prática e compreender os símbolos produzidos no interior desta cultura.

O local escolhido foi um estabelecimento comercial de escalada na cidade de São Paulo e os pesquisadores frequentaram a academia como clientes durante o ano de 2015, com frequência média de duas vezes por mês, para se sentirem ambientados neste local de escalada.

Foram feitos registros escritos em diário de campo detalhando o espaço físico, os materiais, a estrutura administrativa e o funcionamento do local com observações sobre os comportamentos dos escaladores. Também foi realizada uma entrevista semiestruturada, para conhecer o que significa escalar paredes artificiais para dez escaladores, sendo sete frequentadores do lugar e três funcionários do ginásio de escalada. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Nove de Julho e todos os participantes assinaram o TCLE garantindo o anonimato dos mesmos. O critério de seleção foi ser praticante há pelo menos um ano da modalidade, pois assim teríamos pessoas já ambientadas à atividade.

Assim configurou-se a pesquisa de campo. “[...] como fonte de verificação empírica – validando ou não supostas hipóteses - mas como fonte de informação a partir da qual o diálogo com a literatura é construído” (OLIVEIRA; DAÓLIO, 2007, p. 141).

BIÓTOPO – O AMBIENTE VERTICAL

O ginásio de escalada surgiu oficialmente em 1994, após o proprietário ter montado paredes de escalada em eventos patrocinados por emissoras de televisão e marcas de produtos voltados aos jovens. As paredes de escalada dos eventos forneceram um bom marketing, trazendo os recursos necessários para a criação de um espaço específico em São Paulo. Hoje existem no Brasil mais de cem locais com paredes de



escalada artificiais, um crescimento considerável que reflete um desejo: “[...] de reencontrar o sabor da vida em uma sociedade por demais segura” (LE BRETON, 2009, p. 94). Foi um empreendimento inovador que apostava na ousadia da juventude e em seu desejo de desafio.

Para quem chega ao local, fica claro que não é um espaço de atividade física tradicional. Há um portão de ferro que esconde parcialmente quem está dentro, alguns vasos com plantas, um caminho de tijolo aparente e muitos seixos rolados, embaixo das paredes de escalada lembram as rochas. Há uma tentativa de incorporar a paisagem natural ao ambiente urbano, porém há um controle dos aspectos objetivos de risco mantendo a incerteza das opções de movimento das vias de escalada criadas especialmente para essa prática, como um chamado à aventura.

Na sequência uma recepção, como um pequeno bar contém os equipamentos, os valores, as informações de como escalar (cartazes, fotos, vídeos, instrutor) e uma lanchonete improvisada. Para quem chega pela primeira vez, a informalidade do atendimento aproxima o iniciante das diferentes formas de se movimentar que o espaço oferece, como se o novato chegasse à base de um paredão de rocha e tivesse a quem perguntar “Como se faz para subir ao topo dessa montanha?” Os instrutores do ginásio distribuem os ‘betas’, dicas e informações importantes para subir e por esse motivo se tornam peças chave desta pesquisa, afinal eles possuem as chaves da cultura da escalada em ginásio.

Eles aparentam na vestimenta (atendem de chinelo e bermuda), na fala (evitam vocabulário técnico com os principiantes) e no olhar (focam sua visão em quem chega dando-lhe total atenção) um jeito simples, despojado de valores consumistas, impessoais e arrogantes com os clientes. Este jeito de ser contrasta com outras academias tradicionais de ginástica e recria o ambiente da montanha, que sendo um local rústico e selvagem exige um comportamento humilde e solidário. O vestuário simples é também visto nos usuários, principalmente nos mais antigos, alguns caminham descalços se não estão subindo nas paredes, pois as sapatilhas de escalada apertam os pés, outros usam calças e

bermudas surradas, desbotadas e camisetas velhas e até um pouco sujas. Um dos motivos para isso, está no uso de carbonato de magnésio (um talco sem cheiro), que é usado para secar as mãos e que é carregado em pequenos sacos presos à cintura. O magnésio é muito útil, mas misturado ao suor das mãos vai impregnando as agarras de escalada e o chão do local. Difícil manter um local assim, totalmente limpo.

O uso de equipamentos de segurança de alta tecnologia favoreceu o crescimento da modalidade, o que remete à união da sofisticação com a simplicidade. “Os avanços tecnológicos contribuíram e muito para a criação de espaços *in-door*, ampliação dos equipamentos e técnicas levando segurança aos seus praticantes” (GOMES, 2009, p. 36). (sic.). Quando se trata deste ginásio de escalada foi possível perceber que apesar da aparente simplicidade, os materiais usados para a prática são os de mais alta tecnologia, pois não se despreza sua vantagem na manutenção de segurança dos usuários e os procedimentos são padronizados, tal qual os manuais recomendam.

É peculiar perceber o contraste entre equipamentos de segurança caros (uma sapatilha custa em média R\$ 400,00 e uma cadeirinha de escalada cerca de R\$ 300,00) o modo simples de se vestir. Não se abre mão da proteção, mas não há intenção de chamar a atenção das outras pessoas pelo visual das roupas, ou por suas marcas, como se observa em outras práticas esportivas. Alguns até usam vestimentas caras e específicas para escalar montanhas com sistemas de eliminação de suor e de manutenção de calor, mas mesmo essas roupas de marca parecem já envelhecidas e surradas.

A diferença deste local não está no uso dos materiais, mas na forma de se orientar as pessoas que vão escalar, pois há ausência de prescrição de exercícios, como é comum em academias de musculação ou outros espaços de atividade física. O aprendizado e o treinamento ocorrem por meio da experimentação, da observação dos mais habilidosos e de troca de experiências com os amigos. Quem já tem um mínimo de conhecimento, por exemplo, quem já foi uma vez ao ginásio, pode simplesmente chegar a começar



a subir as vias que acredita que consegue e se necessitar alguma ajuda recorre aos instrutores.

As paredes de madeira são recheadas de agarras de resina coloridas e contém fitas adesivas que apontam os caminhos para chegar ao topo, sendo que a dificuldade varia do 4º grau ao 9º grau. A graduação informa ao escalador a dificuldade que será encontrada no percurso e quanto maior o grau mais difícil chegar ao topo. Há paredes a partir de três até nove metros de altura. As menores são os *boulders* (que significa bloco com até 5 metros de altura) e travessias (paredes horizontais) podem ser escaladas com a segurança de colchões e as mais altas que são os *top rope* (procedimento de segurança em que a corda está passada pelo topo e outra pessoa segura a outra extremidade da corda) e guiada (procedimento em que o escalador leva a corda até o topo tendo um amigo como segurador) com o uso de corda sintética, cinto cadeirinha, mosquetão e freio de alumínio. O carbonato de magnésio é usado para secar as mãos e as sapatilhas de escalada não são dispensadas por ninguém, afinal elas favorecem o apoio em superfícies minúsculas, que escorregariam os pés com outro calçado. Há uma linguagem específica, que une equipamentos e agarras e deve ser decifrada por quem pretende iniciar na modalidade, todavia a informalidade é a forma como se acessa esse conhecimento.

O público é bem heterogêneo, há mulheres, homens, crianças e famílias inteiras escalam juntas. Os jovens são a maioria, mesmo que de vez em quando se possa observar pessoas de cabelos brancos e com mais de 50 anos praticando. O clima de descontração é acompanhado por música, *rock*, *jazz*, *soul*, *blues*, e *reggae* são as mais ouvidas, talvez pelo fato do proprietário ser músico, selecionar pessoalmente e influenciar o gosto dos demais instrutores e clientes. Presenciou-se, inclusive, ele com sua banda tocando ao vivo, enquanto as pessoas escavam. Esta combinação gera uma mistura de relaxamento e excitação, é possível movimentar-se no ritmo da música e isso favorece a manutenção de uma respiração ritmada com a contração muscular se ajustando às notas musicais, ao final de algumas horas isso se traduz em cansaço e satisfação. Além disso,

este tipo de música torna o clima mais íntimo entre os praticantes e o isolamento dos movimentos se combina com o reforço dos laços afetivos entre as pessoas que estão no ambiente (DIAS; ALVES JUNIOR, 2006). A música parece conectar a pessoa ao local sensibilizando o escalador e evitando a racionalidade excessiva. A ausência de música do tipo eletrônica, ou músicas populares brasileiras como o sertanejo, ou pagode nos informa que o tipo de pessoa que busca a escalada neste ginásio reconhece a importância de estilos musicais que favorecem a criatividade e a improvisação, elementos necessários para realizar determinados movimentos novos e imprevisíveis que as vias suscitam. Já o *rock* aumenta a vibração do escalador em movimentos mais duros, enquanto o *reggae* relaxa para sintonizar com as vias que exigem mais equilíbrio.

Entrar nesse local é como descobrir uma caverna na metrópole, escondida, cheia de mistério, estímulo, diversão, esforço. Lá dentro, os companheiros, instrutores ou não, ajudam a pessoa a se libertar das opressões da urbanidade. Na escalada a técnica e a força se reúnem à delicadeza e leveza de movimentos criativos e planejados, tensos e suaves, levando o indivíduo ao diálogo consigo, com o ambiente e com o outro.

Quando se escala em paredes que imitam a rocha, os escaladores encontram as mesmas frestas, saliências, faces, arestas, agarras, chaminés e tetos, que esperam encontrar na natureza e podem se vincular ao local na busca por sensações prazerosas e desafiadoras. Resta demonstrar o elemento comum aos que buscam esse esporte. A escalada contém de forma objetiva uma meta a ser alcançada. São as vias.

Uma via de escalada é um caminho ou rota de subida. Ela contém todos os pontos de apoio, agarras, ou superfícies de sustentação do trajeto. Ela existe na mente do escalador, que imagina a melhor estratégia para atingir o topo, concretiza-se nos movimentos realizados para subir e é composta pela reunião de cada apoio, ou proteção do percurso (PEREIRA; NISTA-PICCOLO, 2011, p. 87).



Esses caminhos devem ser interpretados pelos praticantes por meio da leitura de via. Leitura de via é como se chama a interpretação das vias de escalada, na qual o escalador cria uma estratégia mental para resolver o problema de subir sem cair. Esta imagem servirá para realizar a tentativa no intuito de chegar até o final da via sem cair. Este é o objetivo maior do praticante em paredes, e atingir essa meta enche a pessoa de energia, o que lhe pode conferir um elevado *status* no mundo da escalada. “Estes empoderados, detentores de técnica, força física e psíquica, acumulam capital cultural que pode ser convertido em poder durante as disputas pelos postos de poder no interior do subcampo” (GOMES, 2009, p. 29).

Tanto os equipamentos, quanto o estilo musical, ou o tipo de exercício que se pratica no ginásio de escalada tornam-se elementos que dificultam a popularização da prática no Brasil. O material é caro para a maioria das pessoas no Brasil, o tipo de música é mais comum nas classes mais favorecidas e a movimentação acíclica, que exige propriocepção, auto conhecimento e elaboração mental sobre as estratégias de subida, não são exatamente um convite àqueles que querem a simplicidade movimentos repetitivos e com o intuito de apenas queimar calorias e aumentar a massa muscular.

A recriação da natureza selvagem na forma de paredes artificiais carrega em si o símbolo do retorno às cavernas, do contato com a rocha áspera (existente nas agarras de resina), do pouco conforto (espaço pequeno no qual se espremem as pessoas nas escadas, ou se fica em pé para não atrapalhar quem está escalando), da dureza dos poucos móveis rústicos (tronco de árvore, pedras, banco de madeira para sentar), da alimentação com poucas opções (suco, barra de cereal e pão de queijo). Da admiração pela potência de subir sem cair. É neste ambiente muito próximo do que se encontra na rocha, que os escaladores do ginásio se sentem numa caverna, mais protegidos e cheios de mistério. Apesar das semelhanças, verifica-se que a escalada em paredes pelo menor risco, pela música, pela proximidade com o instrutor e pelas vias criadas facilita o acesso de pessoas que nunca foram as rochas e permite um

contato prazeroso com o ambiente vertical, propiciando um contato que poderá se tornar mais intenso conforme a pessoa se identifica com a escalada.

BIOCENOSE – AS PESSOAS E O GINÁSIO

A participação do pesquisador ocorreu numa mistura de prática, conversa, observação e entrevista com dez frequentadores. Como já tinha experiência com a modalidade, a prática favoreceu a relação com os participantes. Entre uma tentativa e outra, abordaram-se os escaladores locais, (sendo que, três deles trabalham no ginásio) e as conversas aconteceram. Escalar no ginásio ajuda a entender os sentidos dados pelos frequentadores para a prática e facilita a recepção pelo interesse que se demonstrou pela escalada.

O tempo de prática, como começaram a escalar, o tipo de treinamento que realizavam, a alimentação, se participavam de campeonatos, como eram as relações pessoais entre eles, o que representava o ginásio na vida deles foram alguns dos assuntos que ocorreram entre uma subida e outra. Os resultados da conversação juntamente com as referências sobre o tema ajudam a conhecer a cultura que se forma neste local.

Os participantes da pesquisa têm experiência na escalada, variando de quatro a vinte anos, portanto a cultura da escalada já está bastante arraigada nestas pessoas. Constata-se que a modalidade está se consolidando no Brasil, apesar de ser pouco acessível à maioria da população. Descobriu-se que há diferença entre os públicos, sendo os frequentadores de segunda à sexta feira aqueles que já decidiram pela prática com regularidade e, que aos finais de semana costumam vir pessoas curiosas por aprender, ou se divertir de forma diferente do passeio ao cinema, ou ao *shopping center*.

A escalada no ginásio apresenta dois públicos distintos, um que já se firmou na modalidade, conhece suas características e adquiriu habilidade e outro, com pessoas novas que procuram se divertir, alguns talvez se tornem



escaladores assíduos, mas há obstáculos para essa permanência. Foi possível observar que há dificuldades para os novatos, entre elas a força física nos membros superiores, pois muitos ao descer da parede reclamavam de dores no antebraço e dedos. Outro exemplo são as inúmeras vias marcadas com fitas coloridas na parede, as quais a pessoa deveria seguir. O simples fato de ter que procurar uma cor já é um desafio e associado a isso realizar movimentos nas pontas dos pés, calçando uma sapatilha apertada, tentando vencer a força da gravidade agarrando-se pelas mãos é um desafio enorme, pois nosso corpo não está acostumado a esse tipo de exigência motora, pois em geral estamos com nosso peso sobre os membros inferiores e não nos locomovemos com os braços.

Pensando nisso, pudemos entender que os escaladores contumazes escalam também em rocha. O acesso à escalada em rocha é geralmente mais difícil, porque ela exige mais equipamentos e conhecimentos de técnicas de segurança, sendo praticada por quem já tem mais experiência. Já nas paredes artificiais os novatos podem praticar com auxílio de instrutores e menor risco, indicando que a escalada em ginásios amplia as possibilidades de acesso aos novatos. Neste espaço pessoas se entretêm, surgem novos escaladores e favorece-se o treinamento e encontro com amigos para novas escaladas no ginásio, ou na natureza.

“É uma preparação para a rocha, acho curioso alguém só escalar na academia, porque o padrão é sempre o mesmo, a rocha tem mais vias diferentes, me sinto evoluindo, a escalada indoor tem papel fundamental na evolução da escalada, gera um bom convívio social, se fica só na rocha fica estagnado, não evolui”. (Escalador 4).

Como mencionado pelo participante, o ginásio para uma pessoa experiente é tanto um momento de preparação para a experiência na natureza, quanto um encontro com outros escaladores para trocar informações, socializar e treinar em conjunto.

Os motivos para iniciar a prática são variados, os mais comuns são o convite de

amigos, para estar em contato com a natureza, ou treinar para melhorar o rendimento na montanha. “Escaladores apresentam uma tendência da fuga do modelo de vida padronizado”. (CUNHA, 2005, p. 28). Porém, há distinções:

“Comecei a escalar porque precisava de uma mudança de vida”. (Escaladora 1).

Isso indica uma incompletude no cotidiano, que a escalada preencheu. Pressupõe-se que antes de popularizarem-se os ginásios de escalada as pessoas iniciavam estimuladas por amigos a ir para a rocha, mas hoje as paredes de escalada permitem que pessoas menos “aventureiras” tenham contato e busquem a prática para melhorar seu condicionamento físico, como nas academias de ginástica, ou para um simples entretenimento.

“Eu comecei no curso de Educação Física, na disciplina de Esportes Radicais”. (Escalador 2).

“Tive o primeiro contato no ensino médio”. (Escalador 7).

Esta iniciação escolar é nova no ambiente educacional brasileiro, mas parece sinalizar para uma diversificação da cultura de movimento no Brasil. O início da escalada na educação básica ou superior é recente e raro, porém, mostra que o ginásio é um espaço para dar continuidade a um aprendizado que se teve no momento escolar, da mesma forma que clubes esportivos costumam dar sequência à prática de modalidades esportivas que começaram nas escolas.

“Comecei por recomendação do médico para tratar minha ansiedade”. (Escaladora 8).

Foi uma surpresa descobrir que uma orientação médica pudesse levar alguém à escalada.

“A escalada ajudou a colocar foco nos meus objetivos de vida e a conhecer meus limites”. (Escaladora 8).



A escalada não é um tratamento, mas a motivação desta escaladora para combater problemas de saúde e contribui na melhoria da qualidade de vida. A novidade neste caso está no fato do médico indicá-la ao esporte, pois este médico deve conhecer a atividade para acreditar que a mesma podia promover melhoras à paciente. É mais comum a indicação da natação ou judô para pessoas com determinados problemas de saúde. O conhecimento da escalada pelo médico é uma notícia que alimenta a esperança para uma ampliação da cultura da escalada inclusive como profilaxia.

“Meu treino é planejado por um professor”. (Escaladora 1).

Essa participante é a única que realiza um treinamento sistemático, orientado por profissional de Educação Física. Os demais treinam de forma empírica e de acordo com suas vontades. Esta pessoa que realiza o treino orientado é a única que participa de campeonatos.

O objetivo principal na escalada não é a vitória em confrontos com outras pessoas: “O principal componente apontado diz respeito à mudança de perspectiva na ação do sujeito, uma vez que no lugar da competição e da disputa (comum nas modalidades esportivas convencionais) entram a solidariedade e a parceria com o outro” (MONTEIRO, 2004, p. 83). Competir na escalada, como em outras práticas de aventura, não é o aspecto mais visível, os praticantes procuram o lazer e o prazer como principal meta. Apesar disso, verifica-se que há escaladores dedicados aos campeonatos, talvez movidos pelo fenômeno da inserção da modalidade nas Olimpíadas de Tóquio 2020, ou mesmo pelo desejo de avaliar suas habilidades em situações novas, porque em competições são criadas vias novas e o atleta precisa galgar a última agarra sem cair para demonstrar sua competência. Na continuidade a escaladora 1 disse que nos campeonatos busca a auto superação e “rever os amigos”. Este é um aspecto que ajuda a entender que o objetivo não é somente a vitória e que outros prêmios estão na mira. Assim, foi revelado que os festivais de

boulder, que são encontros cujo foco é desafiar-se em vias novas e que o resultado não é o fator principal, são preferidos pelos praticantes.

Os participantes que trabalham no ginásio costumam escalar praticamente todos os dias que vão ao local, já os demais têm uma frequência média de três vezes por semana. Percebe-se que para os escaladores/ funcionários, a prática faz parte do trabalho. A decisão de trabalhar com escalada, em parte, ocorre para poder escalar mais vezes. A união de trabalho, com treinamento e diversão contribui para permanecer no emprego. Eles dizem que faz parte da função e são incentivados pelo proprietário. Há uma aparente contradição com o capitalismo selvagem, não uma rejeição ao capital, mas uma complementação que se acredita possível, pois o instrutor une prazer e o dever, favorecendo tanto à empresa, quanto a si mesmo.

Para os demais escaladores não se trata de um treinamento competitivo, mas de um exercício que reúne melhora no rendimento com prazer, por isso a frequência é alta, assim se consegue atingir um melhor desempenho, além de ter no espaço um ponto de encontro e de relações sociais e afetivas. A prática da escalada é encarada como um exercício integral, corpo e mente conectados. Registrou-se que a escalada contribui para a decisão de muitos entrevistados por buscarem alimentos integrais e evitarem alimentos industrializados. Nenhum deles afirmou ter uma dieta rígida, mas todos concordam em buscar sempre alimentar-se com consciência do que estão ingerindo, evitando excessos de açúcar e gordura.

Observação semelhante ocorreu em pesquisa com montanhistas do Rio de Janeiro:

Quando indagado sobre a realização ou não de uma preparação especificamente voltada para uma melhora no desempenho das suas escaladas, nos revela que esta inclui corridas matinais, musculação, controle nutricional dentre outros procedimentos. Ainda segundo ele, todo esse esforço empreendido é proporcional ao tamanho dos desafios impostos pela via de escalada desconhecida e por isso mesmo tamanho empenho seria justificável, onde se



subentende que esse mesmo desconhecimento agrega uma crescente dificuldade e mais a frente fustiga em tom um tanto quanto depreciativo (DIAS e ALVES JUNIOR, 2006, p. 14/15).

Para os escaladores ter um peso corporal menor e mais força ajudará na tentativa de subir com êxito. Como em geral, não se verificou um treinamento periodizado, percebe-se que subjetivamente os escaladores compreendem a dificuldade em vencer a gravidade e preferem se alimentar com algumas restrições, para melhorar o desempenho, mas sem perder a autonomia e a decisão sobre como escalar e comer. A oposição ao treinamento sistematizado é uma resistência às formas ordenadas de viver e o ambiente parece estimular este comportamento, como já foi registrado na configuração do espaço físico do ginásio.

Por fim, procurou-se saber o que o ginásio representa para essas pessoas. Um sentido emergiu com força nas conversas. O proprietário do local apareceu como fonte de inspiração e as vias, por ele criadas são problemas a serem resolvidos corporalmente, forçando a evolução do grau alcançado a subir. Expressaram também que o contato amistoso com ele favorece a interação e a aprendizagem. Para aqueles que já frequentam o ginásio e estão familiarizados com o local, melhorar o desempenho é tão importante quanto sentir prazer. Surge um paradoxo, pois a escalada é uma atividade intensa fisicamente e que exige um corpo treinado e preparado ao desafio. A força, a flexibilidade e a resistência exigidas são conquistadas com esforço e sacrifício e o espírito hedonista precisa surgir neste meio, do contrário talvez a pessoa busque outra modalidade, ou nenhuma. O escalador constrói um espírito duro e ao mesmo tempo se satisfaz com isso, deleitando-se onde muitos chorariam.

O escalador 3 disse a respeito que:

“[...] a evolução é natural, escala-se com pessoas mais fortes, com muita técnica, a pessoa fraca adquire jeito e não precisa força bruta. Fazer as vias dá gabarito, para ir à rocha. O treino é ótimo, aprendi a ser mais tranquilo, não ser tão afobado, ganhei repertório motor”.

“A estrutura diversificada, a inclinação, a caverna, o número de agarras, o número de vias, a combinação infinita de movimentos, o ambiente e a música se identificam com o estilo do proprietário”. (Escalador 4).

Os padrões de movimentos não são regulares, nem lineares, há variação constante e solicitação de movimentos cada vez mais complexos que exigem o uso de cadeias cruzadas de movimentos e estratégias inovadoras como solução de problemas motores.

“Aprendi muita técnica, me desafio em movimentos diferentes, melhorei a leitura de via e a movimentação do ginásio é como na rocha”. (Escalador 6).

Uma boa via deve permitir que as propriedades de cada agarra, isto é, sua forma, sua textura e seu tamanho, que são qualidades fixas destas, interajam com as mesmas propriedades de outras agarras. Nesse processo, as distâncias entre as agarras, a inclinação da parede e a posição em que são colocadas são emergências do sistema que podem ampliar as propriedades de cada agarra (PEREIRA, 2010, p. 53).

As vias do ginásio exigem que a pessoa ajuste seu corpo aos movimentos que geram melhor equilíbrio e permitam aplicar a força com precisão. Como há grande diversidade de movimentos, as vias funcionam como uma orientação para a aprendizagem, talvez por este motivo, não exista tanto foco na prescrição de exercícios e sim na resolução de novos problemas como método.

Os praticantes de escalada e os instrutores apresentam um desejo por confrontar-se com as vias criadas com muito cuidado para eles, pelo proprietário do local, pois sabem que passando por essa prova de fogo, terão maior chance em suas aventuras. Apesar das distinções com a escalada na natureza, a escalada em paredes preserva o êxtase de ser um exercício físico que implica no uso da imaginação, do pensamento



racional e do sacrifício corporal/ espiritual para se atingir o topo (COSTA, 2000).

E eles valorizam nestes desafios o companheirismo para chegar ao topo. A escalada:

Por princípios é - ou deveria ser - primordialmente coletiva, favorecendo o estabelecimento de vínculos de parceria muito fortes, pois, sua vida está 'por um fio', ou seja, pela corda, e esta passa literalmente pelas mãos do parceiro. (GOMES, 2009, p. 15, grifos do autor).

Não há entre eles uma quebra dos valores humanos, existe uma interdependência entre quem está subindo e quem dá a segurança. Observa-se que aquele que segura a corda torce a favor do parceiro(a) que sobe, pois sabe que a verticalidade é um obstáculo arriscado e duro de ser superado. Aprende-se escalando a resistir à individualização e a comercialização das relações humanas, que em geral valoriza e premia, mais uma pessoa do que uma equipe, a força do conjunto está na ligação entre as pessoas, como se a corda fosse o cordão umbilical de quem protege e quem se aventura.

Acima de tudo, no contexto das práticas corporais aqui estudadas, não está em jogo um confronto com o outro, ou com a natureza, uma necessidade imperiosa de rendimento, obediência a regras fixas e à rigidez do tempo, ou ainda de obter do corpo uma performance que esteja desvinculada do prazer e da harmonia com o ambiente onde se realiza (MONTEIRO, 2004, p. 83).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O escalador ao se inserir na paisagem de cada movimento permite que seja visualizada a beleza do gesto potencializado e expresso em cada parte de seu próprio corpo, de seu parceiro, da parede e do equipamento. Não há vestígios de inferioridade entre nenhum deles; há sim um sinal de prolongamento entre todos: a corda enquanto prolongamento do corpo do escalador, que se prolonga na parede e, por fim, prolonga-se até às mãos do parceiro que

lhe faz a segurança (MARINHO, 2001, p. 105).

A técnica da escalada em paredes artificiais contém um valor impar para essas pessoas, que se unem para progredir conjuntamente. Através da superação física das paredes artificiais, as pessoas atingem metas pessoais que conduzem à auto estima, auto confiança, amizade, prazer, ou seja, o corpo é um caminho para se conhecer e avançar além dos limites individuais. Neste ambiente, estabelecer boas relações é um caminho para o conhecimento dos saberes da escalada que estão escondidos nas vias de escalada, porque a cada tentativa uma pessoa se defronta com um problema, que se resolve com predominância motora, mas que a afetividade, a intuição e a cognição compartilhada também participam.

Verificou-se que apesar das semelhanças não há um padrão rígido de comportamento entre os escaladores, surgindo motivações diferentes na prática, nem se pode dizer que as metas que levam alguém a escalar num ginásio são as mesmas que impulsionaram os primeiros escaladores aos cumes das montanhas no século passado. Todavia, o desejo de subir e provar seu valor na verticalidade encontra eco nos desejos de ambos, que precisam enfrentar as dificuldades e satisfações decorrentes de seus desempenhos. Igualmente, escaladores da natureza e das paredes artificiais se apoiam nos companheiros e companheiras para suportar a pressão dos fracassos e dores dos esforços e do medo da queda, mesmo que com parâmetros diferentes de altura.

Agora faz sentido uma frase dita pela escaladora 1, que antes parecia confusa:

“Eu sou uma escaladora *roots*, eu gosto do perrengue”.

Os escaladores e escaladoras estão dispostos a encarar a dificuldade, isto é, treinar exaustivamente num ambiente que se aproxime ao máximo da rocha, pois reconhecem que o ginásio contém os estímulos de que necessitam para suportar a pressão e a angústia do insucesso, sem perder a diversão e o prazer que ascensão poderá proporcionar. Eles escolheram este local



porque perceberam que as vias montadas têm valiosos conhecimentos sobre como atingir o melhor de si mesmos, isto é, tirar prazer do suor, da dor, do desconforto, da aspereza das mãos, com alegria, sorriso, animação, divertimento e fruição.

A semelhança entre o ginásio e o ambiente natural carrega o primitivo dos seres humanos na

escalada, isto é, seu *habitat* desafiador e acolhedor. Contradição que faz parte de uma organização capaz de transformar os praticantes. Nesta relação de retorno ao instintivo aflora a sensibilidade emocional e a potência física, que é possível graças à evolução humana de cada indivíduo neste esporte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTUZZI, Romulo de Cássia Moraes; FRANCHINI, Emerson; KISS, Maria Augusta Pedutti Dal Molin. Ajustes agudos da frequência cardíaca e da pressão manual na prática da escalada esportiva indoor. **Revista mackenzie de educação física e esporte**, v. 3, n. 3, p. 99-106, 2004.

COSTA, Vera Lúcia Menezes. **Esporte de aventura e risco na montanha: um mergulho ao imaginário**. São Paulo: Manole, 2000.

CUNHA, Nelson Mario Baião. **Escalada em Portugal: estudo de caracterização sociodemográfica e desportiva dos praticantes, da prática e das variáveis determinantes no desempenho desportivo em escalada**. 139f. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto). Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2005.

DAÓLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves; ALVES JUNIOR, Edmundo. Abertura da temporada 2005 de montanhismo no Rio de Janeiro: notas etnográficas. **Arquivos em movimento**, v. 2, n. 1, p. 3-22, jan./jun., 2006;

FERNÁNDEZ, Manuel T. Gonzalez; SÁNCHEZ, David J. Moscoso. La montaña como observatorio de lo social. **Documentos de trabajo**. Instituto de Estudios Sociales Avanzados de Andalucía (IESA – CSIC) y Universidade de Vigo, España, 2014.

GARCEZ, Beatriz S. **A escalada no estado do espírito santo: análises a partir de aproximações (auto) etnográficas com as tribos de escaladores**. 155f. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Kassio Vinicius C. **A escalada em Belo Horizonte - MG: um estudo sobre a constituição do subcampo esportivo da escalada e as transformações do habitus**. 122f. 2009. Dissertação (Mestrado em Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2009.

LE BRETON, David **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 8. ed. Campinas, P: Papyrus, 1989.



MARINHO, Alcyane. **Da busca pela natureza aos ambientes artificiais**: reflexões sobre a escalada esportiva. 122f. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2001.

MONTEIRO, Sandoval Vilaverde. Subjetividade, amizade e montanhismo: potencialidades das experiências de lazer e aventura na natureza. **Motrivivência**, v. 16, n. 22, p. 71-91, jun., 2004.

OLIVEIRA, Rogerio Cruz de; DAOLIO Jocimar. Pesquisa etnográfica em educação física: uma (re) leitura possível. **Revista brasileira de ciência e movimento**, v. 15, n. 1, p. 137-143, 2007.

PEREIRA, Dimitri Wuo. **Um olhar sobre a complexidade da escalada na educação física, na perspectiva de Edgar Morin**. 141f. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2010.

PEREIRA, Dimitri Wuo; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. Escalada, uma ascensão à transcendência. **Arquivos em movimento**, v. 7, n. 2, p. 83-96, jul./ dez., 2011.

Dados do autor:

Email: dimitripereira@uni9.pro.br

Endereço: Rua Ernestina de Castro Marcondes, 263, casa 145, Parque da Represa, Jundiaí, SP, CEP 13214-554, Brasil

Recebido em: 21/04/2018

Aprovado em: 14/06/2018

Como citar este artigo:

PEREIRA, Dimitri Wuo. Revelando a escalada em paredes artificiais. **Corpoconsciência**, v. 22, n. 02, p. 61-72, mai./ ago., 2018.